

OLHARES E REFLEXÕES SOBRE A CERÂMICA JÊ DO SUL - SÍTIO BONIN, URUBICI, SC

JULIANY DE ABREU CAVALCANTE¹; ANA CAROLINA SPRENGER VALUS²;
RAFAEL CORTELETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – cavjuliany@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anasprengr499@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rafael432010@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é referente à análise de cerâmicas arqueológicas provenientes de escavações arqueológicas realizadas nos anos de 2016 e 2017 no sítio Bonin, no âmbito do projeto binacional “Paisagens Jê do Sul do Brasil: Ecologia, História e Poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio” financiado pela FAPESP (processo no 12/51328-3) e pela britânica AHRC-UK (processo no AH/K004212/1). Esta análise teve início no ano de 2017 (Sprenger e Corteletti, 2018) e foi finalizada neste ano, totalizando 1764 fragmentos cerâmicos.

Os povos Jê do Sul pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, que é composto pelos ramos linguísticos Jê Meridional, Jê Central e Jê Setentrional, onde os falantes das línguas Kaingang, Xokleng, Kimdá e Ingain pertencem ao ramo Jê Meridional (Jolkesky, 2010). Estes grupos ocupam áreas da costa Atlântica, encosta da serra (Mata Atlântica), topo da serra (Mata de Araucária) e vales de floresta subtropical, em uma grande variabilidade tipológica de sítios: sítios com engenharia de terra, sítios a céu aberto, arte rupestre, abrigos sob rocha. A cerâmica por eles produzida se caracteriza por vasilhames de formato cilíndrico ou tigelas abertas com superfície alisada, possuindo ou não decoração plástica e artefatos líticos de lâminas polidas e semipolidas, machados, mão de pilão, bifaciais, percutores, moedores, etc. (Silva, 2001; Reis, 2002).

O sítio Bonin está localizado na cidade de Urubici – SC, na propriedade de João Bonin, localizado a 280m da margem esquerda do Rio Canoas. Atualmente estão mapeadas 30 estruturas semi-subterrâneas no sítio Bonin (Soares, 2019). A formação rochosa do sítio é uma transição entre formação Rio do Rastro e Teresina, do Grupo Passa Dois, resultando em solos de baixa granulometria, com coloração escura devido a quantidade de matéria orgânica. Este fator, juntamente com as características climáticas da região, faz com que os materiais se mantenham melhor preservados no solo (Soares, 2019).

O objetivo da pesquisa é continuar a curadoria do material (numeração e inventário) e a análise técnico-tipológica de fragmentos cerâmicos iniciada em 2017 (Sprenger, Corteletti, 2018). Estes fragmentos foram também fotografados e passaram por processo de remontagem, onde buscamos alcançar a forma completa do vasilhame cerâmico. Estas etapas foram finalizadas, o próximo objetivo da pesquisa, é buscar compreender qual a relação entre as decorações plásticas da cerâmica e as metades clônicas dos povos Jê do Sul.

2. METODOLOGIA

A catalogação do material teve início pela numeração das peças, seguindo o protocolo estabelecido pelo GRUPEP- UNISUL (instituição responsável pela salvaguarda definitiva dessas coleções). Depois do material numerado, foi gerada uma tabela no Excel com os números das peças e todos os dados de campo

referentes a cada peça: quadrícula da qual o material é proveniente, numeração estabelecida em campo, nível do fragmento e numeração da catalogação em laboratório. Apenas depois de devidamente catalogado e numerado, o material foi analisado.

Dentro dessa análise, foram descritos e classificados os dados tecnológicos: tipo de material anti-plástico colocado na massa para a confecção do pote cerâmico, frequência do anti-plástico, tamanho do anti-plástico, técnica de construção, queima, tratamento da superfície, instrumento utilizado no tratamento da superfície, marcas de uso, marcas pós-deposicionais. Neste sentido, também descrevemos e classificamos dados sobre a decoração plástica. No total, foram 1764 fragmentos analisados.

Utilizamos como base bibliográfica para a análise do material o manual “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica” do autor Igor Chmyz (1976), o artigo “As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia kaingang e xokleng” Fabiana Silva (1999) e outro texto utilizado foi “Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulista” de Tom O. Miller Jr (1978). Os dados gerados por essa caracterização foram sistematizados em uma planilha do Excel.

O sítio Bonin possui um aglomerado de casas no setor Nordeste e outro aglomerado no setor Sudoeste, possuindo um espaço “vazio” de estruturas entre eles. É possível, além da divisão espacial, identificar diferentes elevações nos setores NE e SW, sendo que o setor NE é mais alto, possuindo 913-915m de elevação e o setor SW 910-913m (Soares, 2019).

Diferentes autores constatarem que a organização espacial dos povos Jê está relacionada com as metades clânicas. Crepeau (2005) descreve que a organização espacial das aldeias Kaingang, respeitam dois esquemas triádicos “(...) as relações espaciais são descritas de acordo com dois esquemas triádicos: horizontalmente, pela utilização dos domínios “casa, espaço limpo, floresta”, discutida antes, ou verticalmente, pelo contraste “alto, médio, baixo”.” (Crepeau, p. 12, 2005). Levi-Strauss (2008) descreve uma aldeia Bororo – também pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê – organizada espacialmente de forma circular, divididas no eixo leste-oeste, separando, dentro desse eixo, clãs em dois grupos de quatro, e outro eixo norte-sul, que redistribui esse mesmos clãs em outros dois grupos de quatro. Essa organização espacial não é uma característica apenas dos lugares de maior permanência desses grupos, ela também se repete em seus lugares de pernoite.

É a partir desse aspecto da organização social e espacial dualística que o material cerâmico foi pensando e problematizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material analisado durante a vigência da bolsa é proveniente das quadrículas da porção nordeste: Q1, Q2, Q3, Q4, Q5, Q6, Q7, Q8, Q9, Q10, sendo que, dentro desse limite, foram 361 fragmentos cerâmicos analisados e Estrutura Semi-subterrânea 21, que corresponde a 10 fragmentos cerâmicos. Na porção sudoeste: estrutura semi-subterrânea 15, onde foram abertas 14 quadrículas para escavação (107/105; 108/10; 109/105; 105/100; 106/100; 107/100; 108/100; 109/100; 107/101; 108/101; 109/101; 110/101; 107/102 e 108/102), nas quais contabilizamos 202 fragmentos cerâmicos, Estrutura semi-subterrânea 12 (115/109 e 115/110), na qual foram escavados 191 fragmentos cerâmicos e quadrículas externas às estruturas 100/95; 103/95; 106/95; 112/94; 115/94; 109/94; 114/100; 114/103; 114/105; 114/106; 115/105; 115/106; 113/164;

114/138; 142/125; 113/164; 115/116; 115/119; 93/124, onde, dentro desses limites, foram contabilizados 287 fragmentos cerâmicos.

Os resultados da análise tecno-tipológica, no geral, indicam que o antiplástico é composto majoritariamente de hematita + mineral de granulometria fina, com pouca frequência e a pasta heterogênea; a técnica de confecção por vezes apresenta aspectos de modelada, outras apresentam marcas de roletes; o tratamento da superfície possui alisamento externo e interno, feito por seixos e poucos fragmentos apresentam o aspecto brunido. Dentre os fragmentos, o de maior espessura possui 19mm, correspondendo a parte da base do pote cerâmico. A maioria dos fragmentos possuem entre 6mm e 10mm de espessura, o que nos indica que os vasilhames não possuem grandes formas.

Em relação às bordas, a maioria possui forma direta, tipo simples e forma do lábio variando entre plano e arredondado. Temos na coleção duas bordas que possui forma da borda extrovertida, uma com lábio plano e a outra com lábio arredondado.

Foram contabilizados 51 fragmentos com decoração plástica, classificados em: decoração incisa linear, incisa intercruzado, incisa em zigue-zague, inciso em X, ponteados e estampados.

Até o momento, foi possível a reintegração parcial de seis vasilhames cerâmicos, sendo que um deles possui decoração plástica externa estampada e borda extrovertida.

4. CONCLUSÕES

Nessa etapa da pesquisa, terminamos a curadoria e a análise técnico-tipológica do material. Uma das problemáticas que iremos gerar em cima dos resultados da análise é buscar compreender a relação entre as decorações plásticas e as metades clônicas dos povos Jê. Crepeau (2005) descreve as metades clônicas dos povos Kaingang como assimétricas e complementares, onde a metade kamé é o primeiro, associado ao mais forte, sol, leste, poder político e xamanismo, enquanto a metade kairu é associada a lua, ao mais fraco, ao leste e ao ritual do segundo funeral. Segundo Silva (2001), as expressões estéticas indígenas são uma maneira de representar e explicar a forma do pensar, como se organizam e como veem o mundo. A partir disso, o autor comparou grafismos presentes em painéis rupestres, materiais arqueológicos, pré-históricos e etnográficos ao “corpus gráficos” dos povos Jê do Sul, especificamente aos povos Kaingang do presente, a fim de identificar a dualidade nos traços presentes na materialidade produzida pelos mesmos. Assim, Silva (2001) constatou que a diferença dual está expressa de diferentes formas nesses objetos. Na cestaria, os cestos no formato *kre téi* (cesto comprido ou longo), a palavra *téi* está relacionado a metade Kamé e o cesto *kre ror* (cesto redondo ou baixo), a palavra *ror* está relacionada a metade Kainru. Na decoração dos objetos e na expressão artística e/ou estilística, é possível identificar a oposição dual, onde grafismos compridos e abertos estão relacionados a metade Kamé e os redondos e fechados à metade Kainru.

Em virtude dos argumentos apresentados, a próxima etapa do projeto é buscar identificar no material cerâmico se há relação entre as metades clônicas e a decoração plástica presente nesses fragmentos. Entendemos que os dados produzidos possuem uma grande gama de informações que precisam ser melhores recortadas e trabalhadas, a fim de entendermos melhor a dinâmica das populações que viveram nesse lugar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELETTI, Rafael. Atividades de campo e contextualização do Projeto Arqueológico Alto Canoas – PARACA; Um Estudo da Presença Proto-Jê no Planalto Catarinense. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, V. VII, nº13/14. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. 2010.

CORTELETTI, Rafael. **Projeto Arqueológico Alto Canoas- PARACA: Um estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense**. 323f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2012.

CRÉPEAU, R. “Os Kamé vão sempre primeiro” Dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang. **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 9-33. 2005.

JOLKESKY, M. P. V. **Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas. 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “As sociedades dualistas existem?”. In **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

REIS, JOSÉ A. **Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional**. Caxias do Sul: EDUCS, 228pp. 2002

SILVA, B. S. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2001.

SOARES, M. S. **Geoquímica de solos arqueológicos na identificação de áreas de atividades: um quadro geográfico para o sítio Bonin/SC**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná. 2019.

SPRENGER, A.C., CORTELETTI, R. **Projeto Arqueológico Alto Canoas-PARACA: Um estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense**. In: XXVII Congresso de Iniciação Científica - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2018/CH_00866.pdf